

# Fora dos padrões

Retornando ao Brasil em dezembro de 2006 com um diploma indicando duas honras de 1ª classe por Destaque de Performance, após cursar um mestrado em Gestão de Negócios em Óleo e Gás da Universidade de Aberdeen, Escócia, a niteroiense e hoje gerente de Projetos do Centro de Tecnologia em Dutos (CTDUT), Stella Nunes, está acima e fora dos padrões profissionais brasileiros. Um bom exemplo que surgiu nesses últimos dez anos de mudanças na indústria de petróleo.

por Cassiano Viana

Fotos: Ailton Santos



GERENTE DE PROJETOS DO CENTRO de Tecnologia em Dutos (CTDUT), a niteroiense Stella Nunes, 37 anos, conta que, apesar da *performance* escolar quase sempre acima da média, não foi uma aluna nota 10. No entanto, sempre soube que queria se destacar da multidão e chegar a algum lugar diferenciado.

"Prestei vestibular em 1989 para Letras, mas dois anos depois parei de estudar porque havia resolvido que queria começar a trabalhar, mesmo sem precisar", lembra.

"Meu primeiro emprego foi como recepcionista de uma pequena agência marítima no início de 1991. Mais tarde, naquele mesmo ano, fui para uma empresa na área de comércio exterior onde permaneci por seis anos trabalhando com documentação e logística de transporte", conta.

"Resolvi sair em 1998 porque discordava do modelo de gestão extremamente familiar da companhia, e porque viajava muito e não conseguia viabilizar meu retorno aos estudos. Decidi que precisava de um trabalho que me permitisse evoluir também academicamente, ou acabaria pagando um preço alto limitando minha empregabilidade futura", avalia.

Em setembro de 1998, Stella começou então a trabalhar para a Mitsubishi Corporation do Brasil, uma *trading company* japonesa, como assistente comercial do Departamento de Combustíveis. "Foi neste momento que comecei a ter contato com o setor de petróleo, pois importávamos alguns derivados com qualidade *premium* para certos segmentos industriais, como o metalúrgico."

Naquela época, a Lei 9.478/97 (Lei do Petróleo) havia acabado de entrar em vigor, mudando o cenário brasileiro. Diante das novas possibilidades abertas por ela para empresas estrangeiras interessadas no setor, a sede da Mitsubishi, em Tóquio, decidiu que era preciso monitorar as mudanças mais de perto, pois poderia haver boas oportunidades de negócios surgindo. O escritório do Rio de Janeiro passou, então, a funcionar como um posto avançado de informações, buscando saber sobre o perfil do novo mercado que se formava não só no Brasil, mas na América Latina como um todo, e informando a matriz sobre a evolução de aspectos tecnológicos, tributários, legais, ambientais, etc.

"Foram quase cinco anos trabalhando com comercialização de derivados e inteligência de mercado, quando me tornei a chefe do que então já havia se tornado o Setor de Hidrocarbonetos do Grupo de Energia", explica, acrescentando que a quase década trabalhando para uma gigante japonesa teve seus benefícios: "Aprendi a ter muita disciplina, planejar no longo prazo, criar metodologias para executar meus planos, paciência, tranquilidade, objetividade e perseverança."

Segundo Stella, tudo isto era útil no ambiente de negócios, mas para o gerenciamento da sua própria carreira tornou-se absolutamente estratégico. “Neste ínterim terminei a Faculdade de Administração com um CR de 9,5 e concluí minha primeira especialização, Negócios Internacionais, entre os primeiros da turma”, recorda. “No entanto, estava decidida a não parar por aí; eu queria um mestrado antes de fazer um *pit stop*. Minha carreira e formação acadêmica sempre foram planejadas para andarem juntas e impulsionarem uma à outra, o mestrado deveria seguir esta tendência.”

A niteroiense conta que, após analisar uma série de cursos de mestrado em Administração disponíveis, percebeu que, de forma geral, havia apenas duas opções: alguns exigiam dedicação exclusiva e, portanto, que ela parasse de trabalhar; outros permitiriam que continuasse trabalhando, mas tinham um custo consideravelmente elevado.

“Foi quando me ocorreu que havia uma terceira via: eu poderia tentar uma bolsa no exterior e ampliar meus horizontes sob diversos aspectos, talvez cursar outra área que não fosse Administração”, conta. “Enquanto pesquisava as opções disponíveis, conheci o Programa Chevening, oferecido pelo Conselho Britânico. O programa era oferecido para jovens profissionais, nos quais se buscava encontrar características como: iniciativa, potencial de liderança e dinâmica. Outra característica é que o programa cobre áreas de estudo nas quais haja interesse tanto do governo britânico quanto do brasileiro, entre eles está o setor de energia como um todo e, especificamente, o de petróleo.”

Sem muita pretensão, resolveu se inscrever na chamada de 2003, mas o resultado foi negativo. Um ano se passou e com o incentivo da família e amigos, Stella tentou novamente. “O resultado positivo em abril de 2005 foi inacreditável. Os anos de esforço e dedicação aos estudos e aperfeiçoamento profissional estavam sendo premiados com

uma bolsa de mestrado no Reino Unido”, comemora.

Segundo Stella, aqui cabem parênteses. “Naquele momento eu trabalhava para uma das maiores multinacionais japonesas do mundo há quase uma década, tinha um emprego estável, um cargo de chefia num setor que lidava com uma das áreas que mais crescia no país e no mundo. Tinha apartamento e carro próprios. Andar entre minha casa e o escritório levava apenas 15 minutos. A qualidade de vida era boa. Ainda assim não pensei duas vezes para largar tudo. Houve quem me perguntasse por que deixar uma vida dessas para tentar algo que eu não sabia aonde



me levaria e que, na verdade, não estava fazendo falta. Acho que a razão foi exatamente esta. Eu já sabia onde estava, mas precisava descobrir até onde eu poderia chegar, o que mais havia lá fora, do que mais eu era capaz”, conclui.

E dessa forma, Stella embarcou para a Escócia em agosto de 2005, indo para a Universidade de Aberdeen para cursar o mestrado em Ges-

tão de Negócios em Óleo e Gás. Levava duas malas de roupas, um baú de expectativas e deixava para trás toda a sua área de conforto.

“Escolhi o curso e a cidade com muito critério. Aberdeen respira petróleo”, afirma. “Cidade de porte médio, onde se tem a impressão de que todos que estão lá foram para trabalhar e/ou estudar, mas que me recebeu muito bem. O curso, por sua vez, me permitiria adquirir conhecimentos técnicos que eu não havia desenvolvido, pois haveria um semestre inteiro composto apenas por módulos de engenharia e geociências, coisas que eu jamais havia estudado. Mania de sair da zona de conforto e pôr tudo em jogo, pois o resultado do mestrado teria impacto direto na minha recolocação no Brasil.”

Foi um ano muito duro. O ritmo de estudos e o nível de exigência são fortes no Reino Unido. A turma era essencialmente composta por estudantes oriundos de países produtores emergentes, o que proporcionou boa diversidade cultural. “Eu era a única mulher na turma e a única pessoa sem qualquer *background* técnico”, lembra. “Nosso coordenador reconhecia na turma um time de profissionais cujas experiências em países tão diferenciados só poderiam enriquecer o curso. Assim foi. O número de obstáculos para todos foi grande, mas a união prevaleceu e cada membro ajudava outro nas dificuldades, as quais constantemente transcendiam as matérias que estudávamos. A ausência das famílias e amigos e o clima quase sempre frio e cinzento são apenas pequenos exemplos

## Aberdeen



Considerada a ‘capital do petróleo’ da Europa graças à abundante oferta de óleo e gás no Mar do Norte, principal centro comercial e porto marítimo, no nordeste da Escócia – que atende à indústria *offshore* do Mar do Norte –, Aberdeen possui a quinta mais antiga universidade do Reino Unido. A King’s College foi fundada em 1495 por William Elphinstone (1431-1514), bispo de Aberdeen e chanceler da Escócia. É conhecida como a ‘cidade do granito’ por haver muitas edificações à base dessa matéria-prima.

do que tínhamos de enfrentar. Todos nós, *brothers in books* nos graduamos mestres em novembro de 2006."

E assim, Stella retornou ao Brasil em dezembro de 2006, com um diploma na mala indicando duas honras de primeira classe por destaque de *performance*. As privações haviam sido vencidas e recompensadas. Ao final de fevereiro, depois de estudar um pouco as demandas do novo mercado de trabalho no qual estava determinada a entrar e a planejar as metas, começou a buscar os canais que possibilitariam sua recolocação. Três meses depois estava participando simultaneamente de cinco processos de seleção para grandes empresas, um deles a levaria ao cargo de gerente de Projetos do Centro de Tecnologia em Dutos (CTDUT).

"Minha primeira gerência formal, mais uma coroação na carreira e um novo desafio que se constitui em ser parte do time que certamente levará ao sucesso uma proposta inteiramente nova em termos de modelo de gestão de um centro de P&D que é o CTDUT", avalia. "Há muito que fazer, mas o centro fará história e quero ser parte dela, nós nos realizaremos juntos. Estou então certa de que aquele passo dado em 2005 na direção do espaço abissal de fato me levou para onde eu queria ir. Novas terras e novas paisagens."

Para a gerente de Projetos do CTDUT, dizer que neste momento de retomada da construção de sua in-



fra-estrutura o Brasil precisa demais de profissionais técnicos seria repetição. "A informação está dia a dia estampada nos mais variados veículos de comunicação. Por diversos fatores, há duas décadas nosso mercado de trabalho deixou de ser atraente para nossos engenheiros, os quais foram quase extintos e agora voltam ao cenário como *avis rara* e são contratados a peso de ouro", avalia, acrescentando que administradores, assim como outros profissionais, obviamente têm seu valor e seu papel, mas precisam agregar e expandir suas habilidades e conhecimentos de maneira constante.

"Como falei, sempre busquei direcionar carreira e formação acadêmica de forma que ambas se complementassem e me levassem na mesma direção. Este planejamento é imperativo", afirma. "Quando retornei ao Brasil percebi que expandir meus conhecimentos técnicos alargaria as portas pelas quais transitava, e ainda abriria novas, por isso voltei a es-

tudar e, neste momento, estou cursando uma especialização em Engenharia de Equipamentos *on & offshore*. Não pretendo deixar de ser uma administradora e não planejo me tornar uma engenheira, mas creio firmemente que uma combinação entre as duas áreas será o combustível que levará minha carreira adiante."

Stella dá o caminho das pedras: "É indispensável que o profissional esteja sempre alerta ao que acontece ao seu redor e às tendências para que se prepare proativamente e se mantenha sempre entre os primeiros, mas também é necessário estar atento a si mesmo. Possuir o melhor preparo técnico será inútil diante da insatisfação com o trabalho que se realiza. Por isso é imprescindível que o trabalho, a carreira e a formação que anda junto a ela sejam prazerosos."

A vida pessoal? "É fato que tudo isso sempre deixou pouco espaço para o social. Estou sempre devendo visitas aos amigos, meus pais dizem que eu deveria aparecer mais, saio pouco (mas a violência no Rio contribui sobremaneira para isso) e ainda não tive chance de voltar a praticar meus esportes favoritos: o mergulho, pelo qual me apaixonei devido ao ritual metodológico, ao preparo e concentração que cada descida exige, só para ser premiada com o que conheço mais parecido com o paraíso na Terra, e o surfe, pela pura adrenalina e perseverança necessária ao aprendizado. Sorte que também vejo meus estudos e leituras como *hobbies* que me agradam muito."

Para finalizar, Stella lembra que ninguém nunca disse que é fácil o caminho para a realização profissional e o sucesso. "Neste caminho, há opções confusas e sacrifícios duros aos quais se sujeitar, mas que trarão uma indescritível sensação de realização no futuro se tudo for bem pesado e pensado. E para que este caminho seja bem percorrido, é necessário que se saiba com clareza onde se está, o que se quer, suas razões e para onde se quer ir e esta decisão deve ser tomada em conjunto por coração e mente." ■

## O programa de bolsas Chevening do governo britânico

PARA JOVENS PROFISSIONAIS promissores o programa Chevening é uma excelente oportunidade de estudar em renomadas universidades britânicas. Anualmente, cerca de 40 profissionais brasileiros são contemplados com as bolsas Chevening para fazer cursos de curta duração ou mestrado.

As bolsas são concedidas para um programa formal de estudos em tempo integral com três até 12 meses de duração, o que exclui estágio prático ou pesquisa. Os cursos devem estar diretamente relacionados à área de atuação do candidato e à sua carreira. As oportunidades são muitas para economistas, advogados, jornalistas e profissionais das áreas de políticas públicas, tecnologia aeroespacial, telecomuni-

cações, desenho industrial, meioambiente, mineração e transportes, dentre outros.

Para participar do programa de bolsas Chevening o candidato deve ser brasileiro, residir e trabalhar no Brasil, ter curso superior completo, ter pelo menos dois anos de experiência profissional após a graduação na área em que deseja aprofundar seus conhecimentos, além do domínio da língua inglesa; nota mínima de 6,5 no IELTS (International English Language Testing System), ter se destacado na sua área de atuação e desejar estabelecer vínculos com o Reino Unido.

Mais informações, no *site*: <http://www.britishcouncil.org/BR/brasil-education-chevening.htm>.